PRUDENTE DE MORAES, neto

UM SERENO COMBATENTE DA LIBERDADE

Quando ele entrava na redação, geralmente de terno escuro, bengala dependurada no braço, chapéu e pasta numa das mãos e o charuto elegantemente conservado entre os dedos da outra, uma espécie de aura o acompanhava; sua presença corpulenta mas suave, como que iluminava a redação. Ele se dirigia a cada um dos colegas, apertava a mão de todos os que o rodeavam. No rosto o sorriso amigo, às vezes irônico, o olhar crítico mas compreensivo, e de vez em quando a gargalhada larga que se seguia a qualquer caso engraçado contado por um colega.
Prudente de Moraes, neto, o Pedro Dantas, deixou para várias gerações de jornalistas lições de seriedade, humildade, dignidade e independência, mas especialmente de vida. Era ao mesmo tempo anarquista e conservador, talvez um liberal arcaizante, mas esteve sempre engajado na existência, através da boemia e da arte, e ligado aos temas da cultura popular, como o samba, futebol e cinema. Participou ativamente do movimento modernista, através da revista Estética, que fundou com Sérgio Buarque de Hollanda, e também de ensaios, crítica literária e artigos publicados em revistas e jornais. Político, jornalista, conspirador, um dos líderes civis da Revolução de 1964 mas adversário vigoroso do AI-5, defendeu a liberdade da imprensa e lutou contra a censura com todas as suas forças. Mas o exemplo de sua vida talvez seja a mais importante lição que deixou. E o amor ao ato de existir revela-se no conselho que, aos 60 anos, deu a um jovem jornalista: — Meu filho, o fundamental é prestar muita atenção à vida e impedir que ela escape pelos vãos dos dedos.

NA única eleição de que participou em toda sua vida, quando disputou uma cadeira na Câmara dos Deputados, pelo Partido Republicano, por insistência de Artur Bernardes Filho, Prudente de Moraes, neto, conseguiu 267 votos. Cem a mais que Manuel Bandeira, candidato pelo Partido Socialista Brasileiro e 120 mais que Augusto Frederico Schmidt, da UDN. Homem elegante, um dos últimos a usar suspensórios e chapéu no Rio de Janeiro, Prudente aceitou a derrota sem amargura, mas não abandonou a luta. Neto de Presidente da República, filho de deputado federal, ele continuou na vida pública a exercer forte influência no processo social brasileiro, seja como escritor, jornalista combativo, jurista, conspirador liberal, ou presidente da ABI, sua última trincheira na luta contra a censura e pela liberdade de imprensa.

No poema *Auto-Crítica*, um dos 14 recolhidos por Manuel Bandeira na *Antologia de Poetas Bissextos*, Prudente confessa que foi romantico, depois sereno estéta greco-romano, em seguida poeta parnasiano e poeta moderno. "Hoje entretanto, meu verso quero do sentimento de toda a gente... e com a força secreta e ardente dos grandes sambas de carnaval". Nesse trecho não será difícil encontrar a síntese desse homem singular, amigo de poderosos e humildes, cujo coração pendia fortemente pelos últimos.

Na realidade, a posição de destaque que ocupava sua vida intelectual, na política, no Governo e na empresa privada — era chefe do Departamento Jurídico da Light — jamais conseguiu apagá-lo das raízes populares a que estava ligado desde a juventude. Cultivava uma certa maneira de ser bem carioca, uma visão irônica do mundo, o ar zombeteiro de quem considera que a vida é coisa séria, — mas não tão séria assim. Além de poeta bissexto era sambista — e dos bons — amigo fraterno de Ismael Silva e de outros grandes nomes do samba do passado. Sofria com as derrotas sucessivas do seu clube de coração, o Madureira, para o qual entrou como sócio por proposta de seu amigo Jotaefegê. Gostava de beber cerveja preta, forte e fumava charutos Pimentel nº 1, escuros, ou então cigarros Caporal.

EM 1944, um ano antes de morrer, Mário de Andrade afirmava para um grupo de jovens escritores mineiros: "As duas pessoas que melhor escrevem no Brasil são a Rachel de Queiroz e o Pruden dentinho". Prudentinho, ou Prudentão devido à sua corpulência, já era então Pedro Dantas, pseudônimo com o qual quase se confundiu até o fim da vida. Quando começou a escrever tentou vários outros, pois queria fugir da influência do avô e do pai, figuras importantes na história do Brasil. Escolheu Pedro Dantas por acaso e assim assinou artigos no jornal *A Provincia*, dirigida por Gilberto Freyre, no Recife. Muito mais tarde, em 1941, descobriu que os Moraes descendiam de dois Dantas, um dos quais chamava-se Pedro de Moraes d'Antas. "Como se vê, explicou ele, não é apenas um pseudônimo, é um nome de família que estou revivendo". E em entrevista à revista *Veja*, em maio de 1974, Prudente disse como quase Pedro Dantas o absorve:

— Pedro Dantas me ajudou a esvaziar o peso do meu sobrenome, que às vezes atrapalhava. E foi tão usado que por causa dele quase não consigo provar que éramos a mesma pessoa, quando precisar tirar registro de jornalista, depois de anos de profissão.

Prudente ingressou no jornalismo como quase todos o faziam, na sua época. Em depoimento ao *Coojornal*, ele conta:

— Foi um pouco através da literatura. Quando resolvi trabalhar realmente na redação — antes era apenas escritor — o Mário Rodrigues, do *A Manhã*, de São Paulo, achou inconveniente o meu ingresso no jornal. "O senhor quer trabalhar aqui?" Respondi: "Quero". E ele: "Pois não queira".

Prudente voltou a insistir mas Mário Rodrigues o fez desistir de trabalhar na redação e ele ficou apenas escrevendo crônicas. Depois trabalhou como secretário na *Revista do Brasil*, "na fase do Chateaubriand, que tinha comprado o título do Monteiro Lobato".

A carreira jornalística de expediente na redação começou em 1943, na *Folha Carioca*, onde ficou até 1945. "Entrei para fazer uma crônica de turfe, queriam uma pessoa ligada aos meios literários para escrever sobre cavalos e lá fui eu. Minha entrada sucedia à estréia do José Lins do Rego como cronista de futebol — um sucesso, na época". Em 1945 Pedro Dantas deixa a *Folha Carioca* e muda-se para o *Diário Carioca*, onde José Eduardo de Macedo Soares convidou-o para fazer a cobertura da Assembléia Constituinte. Prudente recusou-se, alegando que era apenas um cronista de turfe. E Macedo Soares respondeu:

— Ora essa, não tem problema nenhum. Você escreve tão bem sobre cavalos, por que não escreve sobre os políticos? E' só mudar o enfoque, o tema é o mesmo...

Ele tornou-se o principal redator político do *Diário Carioca* e redator chefe na época em que naquele jornal realizava-se uma verdadeira revolução nos métodos e técnicas da imprensa. Mais tarde licenciou-se para assumir a direção da extinta SUMOC, no Governo Café Filho, e, em seguida, passou à chefia da redação do *Diário de Notícias*, do Rio, onde ficou por sete anos. De lá passou à direção da sucursal do *Estado de São Paulo*, no Rio, onde ficou até 1967. E no último decênio manteve constante colaboração com artigos e editoriais naquele jornal paulista.

No depoimento que prestou no Museu da Imagem e do Som, em 1972, Prudente confessou-se "um anarquista, como sempre". O anarquismo foi realmente a sua primeira paixão, juntamente com o futebol. Aluno de José Oiticica no Pedro II, ele aprendeu rapidamente os 30 pontos básicos do anarquismo, o que trouxe muita preocupação ao pai, político conservador, e também algumas brigas ideológicas com os amigos comunistas.

— Os anarquistas só admitiam a derrubada do Poder através da ação direta, enquanto os comunistas queriam participar da vida política partidária para minar o sistema por dentro.

Política, futebol e literatura dividiam o interesse do jovem Prudente, na época. Em depoimento a Maria Amélia Mello ele conta como surgiu a revista *Estética*:

— Eu tinha aderido ao Modernismo e me convencido da necessidade de uma renovação literária e cultural. Klaxon tinha desaparecido e não estava saindo mais nada no gênero. Conversando com Sérgio Buarque de Hollanda passamos a estudar o assunto e consideramos que seria possível, com alguns sacrifícios pessoais, reunir um dinheirinho para pagar a impressão da revista. As colaborações foram chegando. O Sérgio já tinha nome, eu era um novato. O público recebeu a iniciativa muito mal. Alguns jornais escreveram notas simpáticas. Foram tolerantes... "promete muito, insistam, pode ser... essas coisas".

Mas a paixão pelo futebol é bem mais antiga. Vem de anteres do ingresso no Colégio Pedro II, do tempo das *peladas* na Rua Barão de Itambi.

— Quebrávamos algumas vidraças, mas interrompíamos o jogo para deixar passar o Olavo Bilac, que morava na casa vizinha à de meu pai.

A simpatia de Prudente pelo Madureira veio mais tarde. Em entrevista concedida a Tereza Cesário Alvim e le contou:

— Eu seguia os campeonatos de futebol pelo rádio e tinha amigos na área, como Rodrigo, do Botafogo, e o cronista Alvaro Paes Leme, mas era homem mais dedicado ao turfe. Certo dia tive que ir a Madureira, onde nunca havia pisado. Indagando o caminho da casa que procurava, fui dar em frente a uma construção que me pareceu importante para o bairro. Perguntei o que era aquilo e quando me explicaram tratar-se de um estádio de futebol — quis saber de onde vinha o dinheiro para a obra. Fiquei impressionado quando soube que o estádio estava sendo pago por Aniceto Moscoso, um banqueiro de bicho. Admirei o entusiasmo dos rapazes que treinavam no campo ainda inacabado. Comecei a acompanhar, com carinho, os resultados dos jogos do pequeno clube que acabava de passar para a primeira divisão.

TEMPOS depois, numa roda de torcedores, alguém perguntou a Prudente qual era seu clube. "Eu não soube me definir, mas Alvaro Paes Leme falou por mim: Madureira. Ele tinha razão. Fico contente quando o Madureira ganha, triste quando perde, logo, torço pelo Madureira. Acabei sendo até sócio do clube, proposto pelo Jotaefegê".

O espírito ágil, aberto a todas as experiências intelectuais, a permanente procura do prazer estético, seja nos movimentos ondulados dos cavalos correndo no prado, no drible genial de um atacante de futebol ou no simples verso de um samba levaram-no a cultivar a amizade de vários sambistas.

— Eram contatos feitos longe da vida boêmia. Um dia, Gilberto Freire queria conhecer sambistas. Eu combinei com Donga e Patricio Teixeira um encontro. Pixinguinha, na ocasião, estava regendo a orquestra na Companhia Negra, no Cine Rialto. Donga locava na Companhia Francesa da Bataclan. Pixinguinha, Donga, Sebastião Cirino, autor de uma canção de muito sucesso na ocasião — *Cristo Nasceu em Belém* — que estava justamente levando na peça da Bataclan — uns outros músicos, nos reunimos com Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Hollanda num café no Catete, perto da Rua Silveira Martins, que fechava à 1 hora da manhã e o português, amigo dos músicos, emprestou para a noitada com café e cervejinha. Ficamos ali até o amanhecer. E Donga saiu dali para a Europa...

O eixo da boemia da cidade, na época, ia da Lapa ao Catete, passando pela Taberna da Glória. E foi ali na Taberna, hoje destruída pelo metrô, que no dia 26 de fevereiro de 1945, dia da morte de Mário de Andrade, que Prudente de Morais, neto, ou melhor, Pedro Dantas, perdeu o maior *furo* de sua carreira de jornalista. Ele trabalhava na *Folha Carioca* quando recebeu a notícia da morte de Mário. Ficou desesperado. Saiu da redação, foi direto ao Bar Luiz onde tomou vários chopes; depois para a Galeria Cruzeiro e lá nos três bares da Galeria também bebeu, lembrando-se do amigo morto, que quando vinha ao Rio o acompanhava neste périplo que só terminava na Taberna da Glória. Lá o garçom que o recebeu por coincidência perguntou pelo "professor". O "professor" era Mário de Andrade.

— O professor morreu hoje — respondeu Prudente — e continuou a beber.

Nesse ponto alguém no bar começou a falar alto, com forte sotaque inglês. Algumas pessoas pediram que ele se calasse, mas não foram atendidas. Meio bêbado, o homem engrolava as frases mas Prudente, também um tanto combalido passou a prestar atenção e ouviu perfeitamente o homem cantarolar:

— Vocês bombardearam Pearl Harbour, mas não faz mal. Tem uma bomba, do tamanho de um ovo, cabe no meu bolso. Quando explodir, vai arrasar uma cidade como esta. Contém a energia do sol. Não fica nem mosquito.

Seis meses mais tarde os americanos lançaram a bomba atômica sobre Hiroshima e ao ler o noticiário nos jornais Prudente lembrou-se do dia da morte de Mário e do bêbado na Taberna da Glória. O homem provavelmente sabia de alguma coisa — e se ele tivesse tentado conversar com ele ou simplesmente registrado a conversa engrolada do bêbado, talvez tivesse dado o maior furo da história do jornalismo.

Este homem multifacetado, que como seu amigo Mário de Andrade poderia dizer que era 300, escreveu contos e poesias. 14 das quais foram salvas por Manuel Bandeira e incluídas em sua Antologia de Poetas Bissextos. Mas sua tremenda autocrítica, revelada em um dos poemas, impediu-o de continuar. Mas escreveu sobre literatura na *Revista do Brasil*, com Rodrigo M. F. de Andrade como redator-chefe, onde ganhava 500 mil réis por mês. Ganhava mas não recebia. Explicou a situação ao gerente que Chateaubriand contratara e alguns dias depois foi chamado pelo homem: "Tenho boas notícias. O Dr Chateaubriand mandou aumentá-lo para 600 mil réis."

— Só que continuei sem receber um tostão...

Sobre sua passagem pela censura, Prudente deu o seguinte depoimento para a revista *Veja*:

— Eu andava meio atrapalhado da vida e Rodrigo, sabendo disso, falou com Carlos Drummond, que falou com o Capanema e me ofereceram o lugar de representante do Ministério da Educação na censura do cinema. Eu disse que não, eu gostava de cinema e não de censura. Mas Drummond insistiu, era por isso mesmo que eu deveria ir, etc. E lá fui eu. Havia uma comissão da qual participavam duas senhoras, uma delas era D Engraçadinha Penha. Foi ela que investiu contra o filme do meu dia de estréia, história de um milionário que trocava de lugar com seu motorista para encontrar uma mulher sincera e acabava encontrando uma milionária que trabalhava como balconista pela mesma razão. Veio a papeleta para eu votar e botei: *Livre*. E dona Engraçadinha não gostou. "Pois eu considero muito inconveniente, deviam cortar 20 metros daquele beijo, que está muito longo". Respondi: Ora, Dona Engraçadinha, deixe o beijo que é até educativo". Ela então perguntou se eu não tinha reparado no fundo social. "Um homem de família que se apaixona por uma empregadinha, uma milionária que se apaixona por um motorista". Eu sai dali no maior abatimento, atravessei a rua e fui pedir demissão.

Em 1977, depois de uma conversa com Rodrigo Mello Franco, ele acertou uma colaboração no setor de cinema para o jornal de Assis Chateaubriand.

— Uma semana antes de eu começar saiu um anúncio no jornal anunciando a seção: dizia que eu havia feito curso de especialização em Hollywood, uma série de histórias fantásticas a meu respeito. Então eu preparei a minha primeira crítica. Era sobre o filme *Ben Hur* que teve lançamento espetacular, com corridas de bigas, coquetéis para a alta sociedade, anúncios de páginas inteiras. Eu fiz a crítica desancando o filme. A única cena interessante era uma tomada com a câmara baixa, o que o Humberto Mauro já fazia com mais talento em Cataguazes. A crítica nunca foi publicada. Queixei-me com o secretário, Francisco Barata, e ele respondeu: "Meu filho, você sabe quanto a Metro paga em publicidade?"

UM dia, Prudente se viu professor na Universidade do Distrito Federal, catedrático de uma matéria chamada Técnica e Crítica Literárias. Essa experiência foi contada a Fernando Sabino, no JORNAL DO BRASIL: "Procurei em livros, não havia nada sobre o assunto." Ele então andou pesquisando até o ponto em que achou que tinha de tirar o curso da própria cabeça, quando lembrou de um conto de Monteiro Lobato em que uma moça do interior ouve, num sermão, que para rezar é preciso pensar no sentido de cada palavra da oração.

A partir daí, conta que definiu teoria, definiu crítica, "mas quando cheguei em literatura, que tinha impregnado minha vida inteira, descobri que não sabia o que era. Todas as definições correntes eram insuficientes. E tive que procurar em antropologia, sociologia, psicologia, uma salada de conhecimentos, para descobrir por que se faz a literatura. Isso me ajudou a dar um curso pelo menos diferente."

Baseado nessa experiência, Prudente de Moraes, neto escreveu um trabalho, espécie de depoimento sobre os fatos culturais: "Uma espécie de teoria do conhecimento, até onde ela explica a criação literária."

Todo o interesse pela literatura, pela poesia, pela música popular, por futebol e turfe não desapareceu quando o jornalismo levou Prudente de volta à política. Mesmo como redator-chefe do *Diário Carioca* ele reservava as últimas horas da noite e as primeiras da madrugada para receber os amigos sambistas, que muitas vezes improvisaravam uma roda de samba em plena sala de Mestre Prudente, como então já era chamado. Mas a vocação política, a luta pelo interesse público estava no sangue. Ele fez a cobertura dos trabalhos da Assembléia Constituinte de 1946 ao lado de Carlos Lacerda, Carlos Castello Branco, Otto Lara Resende e outros jornalistas e a partir de então comparecia todos os dias ao plenário da Camara dos Deputados para acompanhar a vida política do país.

Sua elegancia sóbria, sua capacidade de ouvir, de entender mesmo os adversários, tornou-se conhecida por todos, parlamentares, jornalistas e funcionários da Camara. Ao mesmo tempo que escrevia artigos combativos, análises perfeitas da situação, articulava-se com os amigos para tentar colocar o país naqueles caminhos que considerava certos. Conspirou contra Getúlio Vargas, a quem combateu desde antes da posse, na campanha pela maioria absoluta. Fez as duas campanhas do Brigadeiro Eduardo Gomes, de quem era amigo pessoal, e depois apoiou Juarez Távora. Fez oposição durante o Governo de Juscelino Kubitschek e era amigo e confidente dos militares que tentaram a rebelião de Jacareacanga e Aragarças. Apoiou fortemente a candidatura de Janio Quadros e quando os seu Partido, o PR, homologou a candidatura de Janio à Presidência confidenciou a um amigo:

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Posso parar de escrever. Agora vamos para a frente.

Janio convidou-o para um alto cargo no Governo mas ele recusou, não gostava de Brasília, cidade construída por seu amigo Oscar Niemeyer. Com a renúncia, passou logo para a Oposição e voltou a conspirar contra João Goulart. Foi um dos civis que mais trabalhou para a derrubada de Jango; apoiou Castello Branco, mas cedo percebeu que essa não era a revolução dos seus sonhos. Combateu o Ato Institucional n.º 5 em artigos vigorosos escritos no *O Estado de São Paulo*.

— O Ato Institucional n.º 5 — escreveu — dá ao Presidente da República o poder de estabelecer a censura a qualquer momento. Podemos dizer e devemos reconhecer que não houve um abuso tão grande como era de se recear. Houve abuso no início, mas a censura foi sendo retirada paulatinamente dos diversos veículos de comunicação. O mais importante disso é que a censura foi imposta contrariando até mesmo instrumentos extraconstitucionais como o AI-5. O AI-5 dá ao Presidente da República poderes excepcionais como o de estabelecer a censura à imprensa, mas estabelecer esta censura de que forma? Não há nenhum instrumento que regule isto.

CONVOCADO para assumir a presidência da ABI, ele aceitou o cargo como um dever moral. Exerceu a função de acordo com seu estilo: com energia e suavidade. Jamais, na redação dos jornais em que trabalhou, ou na ABI, Prudente ergueu a voz para repreender um subordinado. Mas suas ordens sempre foram cumpridas, e sua orientação era acatada sem discussões.

Quando num atentado terrorista a bomba estilhaçou o sétimo andar do prédio da ABI, Prudente achava-se afastado de cargo, em razão de uma operação de catarata. De casa, ele ditou uma nota à imprensa: "O que houve hoje foi uma evidente provocação destinada a nos intranquilizar e a suscitar declarações e atitudes inconvenientes que a ABI não pode deixar responder. Nós não iremos fazer as declarações que eles esperam. A ABI vai se limitar a dar uma nota e não uma resposta, informando a opinião pública e aos jornalistas o que se passou. A ABI não reagirá a esse atentado, do quem deve fazê-lo é a polícia. Quem deve dar uma resposta são os órgãos de segurança".

— Eu não queria aceitar a presidência da ABI — disse Prudente recentemente — porque sabia que só teria dores de cabeça. Mas aceitei. Estava preocupado com as novas atribuições, sem saber direito o que fazer quando ocorreu subitamente o recrudescimento da repressão aos jornalistas em todo o país. Recebia todos os dias comunicação de esposas, mães, advogados e jornais de que jornalistas tinham sido presos e que a censura tinha praticado alguma arbitrariedade. Comecei, então, a bombardear as autoridades com cartas de protesto. Eu acontecia uma coisa que me surpreendeu. Na medida em que eu me pronunciava, começou a surgir um interesse por parte da classe em torno da ABI. O pessoal da redação, principalmente, passou a frequentar mais assiduamente a casa. Aprendi o caminho. Hoje, tenho aliar a defesa de nossos direitos com uma linha de extrema cautela, para conservar a possibilidade de acesso às autoridades.

Essa linha de "extrema cautela" não o impedia de reafirmar, sempre que necessário, a necessidade fundamental de liberdade de imprensa.

— As nossas constituições sempre definiram o que seja liberdade de imprensa. Temos uma, vigente ainda, embora suspensa para certos efeitos, que diz que "é livre a manifestação do pensamento, independente de censura." Isto define a liberdade de imprensa. Não há o poder de impedir o jornalista, o escritor de emitir opiniões que tenha sobre qualquer assunto. Por outro lado, não há que impedir o jornalista de ter acesso às fontes de informação, para cumprir a outra parte da função jornalística, que é a de informar o público, que é um dever do órgão de imprensa e um direito do público. O jornalista é responsável pelos conceitos que emite, pelas informações que dá. Se elas estiverem erradas, se seus comentários molestarem o direito de alguém, o jornalista responderá por isso. Quer dizer, a liberdade não vai ao ponto de assegurar o direito da mentira, da calúnia, de deturpar a verdade.

Foto de Walter Firmo cedida pela ABI

"Não há o poder de impedir o jornalista, o escritor, de emitir opiniões que tenha sobre qualquer assunto"

NA DEFESA DO DIÁLOGO. A ÚLTIMA LUTA

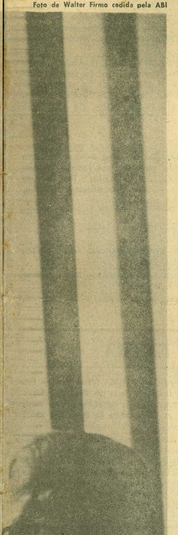

Foto de Walter Firmo cedida pela ABI

Na ABI, a última trincheira

PETRONIO PORTELLA, Senador: "Talvez tenha sido eu a última pessoa fora do seu círculo restrito de familiares e amigos a visitá-lo. Marcava-se naquela oportunidade o início oficial do meu diálogo com os jornalistas brasileiros. Na companhia de Pompeu de Souza, estive em sua residência e durante uma hora e tanto conversamos intensamente. Vez por outra, interrogava a mim mesmo se não estava sendo inoportuno, diante dos sinais de fadiga do meu interlocutor. Mas me pacificava diante das suas reações positivas e de participação através de observações lúcidas e oportunas sobre a conjuntura política brasileira.

E' um quadro que não se apagará da minha memória, tão impressionante foi. O corpo tombando pela fraqueza visível, mas o espírito lúcido e brilhante. Impressionou profundamente a mim e a Pompeu de Souza pelos conceitos emitidos. Fiquei dominado por sentimentos contraditórios: a comoção de ver um homem tão importante inapelavelmente sofrendo, mas triunfando sobretudo pela inteligência impressionante, demonstrada em cada frase com que enriquecia a conversa. Fui como um instrumento de que se valeu o jornalista Prudente de Morais, neto, sua hora derradeira para mostrar o extraordinário valor que hoje com profundo pesar perdemos.

Ao lado da parte humana, como homem público, eu expresso a profunda tristeza da perda de um dos mais eminentes defensores do "diálogo". Vale na oportunidade repetir suas palavras na hora em que de mim se despedia: "Presidente, o seu trabalho é patriótico e o caminho que escolheu não é apenas o melhor, é o único". Saí profundamente abalado. As alegrias do homem público foram contidas pela tristeza da minha sensibilidade humana. Cheguei à casa e disse à minha mulher: "Vi morrendo um homem que não podia morrer".

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, poeta: "Falar bem dos que morrem é um costume caridoso, mesmo que não merecam. Mas falar bem de Prudente é um ato de justiça. Foi um dos brasileiros que melhor exerceram a arte de pensar com equilíbrio, lucidez e grande coragem intelectual. Pessoalmente, era um homem encantador que tanto se comprazia com a música e a convivência com Pixinguinha, como se dedicava a experimentações filosóficas de alto nível. Era um poeta da maior importancia que não fazia a menor questão de aparecer. Conheci Prudente na década de 20 e a sorte de ter sido seu amigo é uma das riquezas que carrego para a vida inteira."

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, historiador: "Falar sobre ele é como se eu falasse de mim. Tive um choque, quando soube de sua morte. Minha mulher atendeu o telefonema pela madrugada, mas preferiu avisar-me agora. É a pior notícia que poderia ter. Na última vez que o visitei estava muito lúcido. Falávamos sobre todas as coisas, as recordações nossas de modo muito especial, o tempo da revista **Estética**. Ele era um homem íntegro, como dificilmente se encontra. Um homem que abandonou tudo pelo jornalismo. Um homem que, inclusive, destruiu seus contos, para dedicar sua vida aos jornais. Sua morte é a pior notícia que recebi."

BARBOSA LIMA SOBRINHO, escritor: "Prudente de Moraes, neto, é uma figura de homem fora do comum. Um profissional impecável, de grandíssima elegância e de grande inteligência. Sua ternura habitual fez dele uma pessoa amada por todos. Nunca trabalhamos juntos mas ficamos mais amigos durante os cinco anos no Conselho Administrativo da ABI. Sempre foi partidário da sua candidatura à presidência da entidade porque Prudente colocava acima de tudo sua profissão de jornalista e, acima da sua profissão, a luta pelos direitos do homem e pelas liberdades democráticas."

HÉLIO SILVA, historiador; Conheci Prudente de Moraes, neto, quando morava em São Paulo, no tempo em que dirigi a sucursal de **O País**, antes de 1930. Mas a nossa intimidade e amizade se firmou na Constituinte de 1933 e 1934. Falo com emoção e ternura de um homem que começa a fazer falta ao nosso tempo e à nossa gente. Falta irreparável de um bravo que consumiu conscientemente o que restava da vida de um septuagenário na defesa da liberdade, travando a batalha dos direitos humanos em seu campo, a liberdade de imprensa.

— Sem prejuízo de grandes figuras que honraram a presidência da ABI, três nomes ficarão como altos cumes de uma cordilheira que barra a avalancha das ditaduras: Gustavo de Lacerda, fundador da ABI, que criou como uma trincheira na defesa dos direitos dos jornalistas, Herbert Moses, o grande presidente que soube elevar a ABI através das revoluções e dos golpes, e Prudente de Moraes, neto. Este último, pela sua bravura cívica, pela autoridade intelectual, moral e profissional pôde afrontar os perigos que ameaçam a liberdade de imprensa depois de 1964.

Ele tinha uma dupla e pesada cruz sobre os ombros. Cruz gloriosa do renome e dos antepassados ilustres: o avô, grande Presidente Prudente de Moraes, que instalou, dignificou e preservou o poder civil na República, e seu pai, Prudente de Moraes Filho, cujo nome é a legenda da primeira dissidência do Partido Republicano Paulista.

Prudente de Morais, neto, não caiu sob o peso dessas duas legendas, gloriosas mas difíceis de suportar. Ele criou o seu próprio nome como advogado e jornalista, como intelectual e homem político (não filiado a Partidos) para coroar uma vida voltada para a defesa dos interesses alheios com o exercício da presidência da ABI, a que deu tudo: inteligência e cultura, coragem e dignidade, enfim, a própria vida."

AUGUSTO RADMACKER, Almirante e ex-Vice-Presidente: "Fomos colegas do Colégio Pedro II desde 1917. Desde esse tempo ele era líder e pontificava na política e na literatura. Politicamente, sempre teve atuação, principalmente no tempo do Governo Arthur Bernardes. Grande advogado, democrata e revolucionário, conspirando desde 1955, esteve ao lado da Revolução em 64. Foi uma grande perda como advogado e sobretudo como homem público."

PRADO KELLY, jurista: "Prudente sempre se distinguiu pelo caráter e pela bondade. Fui amigo dele durante 60 anos e senti muito a sua morte."

AUSTREGÉSILO DE ATHAIDE, Presidente da ABL: "Ele foi meu companheiro desde 1922, um dos expoentes mais admiráveis do país, pelo talento, cultura, correção moral e pela maneira intimorata com que soube lutar pela liberdade de imprensa e pelos direitos humanos."

ODILO COSTA, filho, jornalista: "Prudente era perfeito na amizade como na escrita. Era um ser moral. Como presidente da ABI, achava fundamental a defesa da liberdade de imprensa."

PASCHOAL CARLOS MAGNO, diplomata: "Este foi, por todos os títulos, um raro exemplar de dignidade humana. Sua perda diminui, substancialmente, o número daqueles que lutaram pela liberdade total do povo brasileiro. Defendeu, como poucos jornalistas, a liberdade do homem."

AMARAL PEIXOTO, senador: "Foi uma grande figura. Um grande exemplo. Um jornalista extraordinário que se revelou nos últimos anos um homem público de grande qualidade. Sua atuação extraordinária revestiu-se de grande discrição. A imprensa brasileira e o país perdem muito."

PEDRO NAVA, médico: "Fui seu companheiro desde o Pedro II. Era uma das figuras mais completas e equilibradas que conheci. Combativo quando preciso, foi homem de Oposição quando necessário. Seu nome está ligado ao movimento modernista, do qual foi um dos ases, com a publicação da revista **Estética**."

LÚCIO COSTA, arquiteto: "Foi um brasileiro de primeira grandeza que o Brasil não conheceu suficientemente".

RAIMUNDO FAORO, presidente do Conselho Federal da OAB: "Estamos todos emocionados porque Prudente era uma das mais autênticas consciências democráticas e prestou grandes serviços ao país. O pesar da OAB é imenso porque, graças a ele, nos unimos em torno de uma grande causa: o estado de direito. Participou da Revolução de 64, mas o mais importante de sua atividade é que tendo participado, deu-lhe sempre um caráter democrático. A partir de 68, tornou-se um dos campeões de uma democracia sem adjetivos".

SOBRAL PINTO, advogado: "O desaparecimento de Prudente de Moraes Netto, sobretudo nesta hora, é uma perda extraordinariamente penosa para a democracia brasileira, de que ele foi um dos mais legítimos e sinceros pregoeiros. Ausentando-se, como se ausentou agora, deixa um claro de difícil preenchimento e causa a seus companheiros de luta um sentimento que se experimenta quando se presencia uma catástrofe. Com seu desaparecimento, caiase uma das vozes mais brilhantes, mais vigorosas e mais necessárias à restauração da ordem jurídica e constitucional brasileira. Ele era uma garantia de que a batalha incruenta pela restauração da liberdade individual e das liberdades públicas no Brasil se realizaria com eficácia e com o predomínio dos princípios jurídicos, políticos e morais pelos quais tanto se bateu, durante a sua vida. A sua partida para a eternidade aumenta o esforço e a responsabilidade daqueles que desejaram sempre que o país vivesse num regime de ordem, mas em que a força estivesse a serviço do direito. A imprensa livre perde um de seus mais valiosos e vigorosos lutadores, pelos direitos e pelos seus princípios".

AFONSO ARINOS, jurista: "Ele foi uma personalidade de importancia extraordinária, talvez bem maior do que aquela que se possa aquilatar pelos traços que deixou, porque sempre foi um engajado, não se dedicando à feitura de uma obra pessoal. Participou intensamente da vida política brasileira, com uma coerência intelectual absoluta, guardando sempre as posições que teve, desde a juventude".

OSCAR NIEMEYER, arquiteto: "Foi da maior importancia como figura humana. Crítico literário, jornalista. Trabalhamos juntos no Patrimônio. Ultimamente, foi tão útil, na ABI, lutando pela liberdade."

SEBASTIÃO PEREIRA BATISTA, motorista de Prudente há 12 anos: "Eu conheci ele desde os tempos da Light. Era um homem muito bom, que tratava todo mundo igual, faxineiro ou o pessoal da alta, não fazia diferença".

Ao lado de Prado Kelly

Foto do Boletim da ABI

Com Dom Eugênio Salles

Há 25 anos, na redação do Diário Carioca

Como conservar a beleza da pele

Quanto mais você ajudar sua pele a reter a oleosidade e a umidade, maiores são as possibilidades de revelar sua verdadeira beleza.
Especialistas de pele aconselham que nunca é cedo demais para começar a tomar certos cuidados, porque os fluidos vitais, responsáveis pela aparência jovem da pele, geralmente começam a diminuir quando se chega aos vinte anos.
O fluido de beleza de Oil of Olay, é extraordinariamente benéfico, uma vez que é totalmente compatível com os próprios fluidos naturais, criando para sua pele uma aveludada maciez e uma aparência jovem que pode permanecer mesmo com o passar dos anos.

MUNDO DOS PLÁSTICOS
NOVAS INSTALAÇÕES
MELHOR ATENDIMENTO
ÚLTIMOS LANÇAMENTOS
30 ANOS DE EXPERIÊNCIA NO RAMO!
R. Buenos Aires, 269 - Centro
R. Barata Ribeiro, 99 B - Copacabana
R. Carvalho de Souza, 264 - Madureira
R. da Conceição, 158 - Niterói
Boas Festas é o que desejamos aos nossos clientes e amigos!

Telefone para 264-6807
e faça uma assinatura do
JORNAL DO BRASIL

Carlos Drummond de Andrade

A NOVA (POSSÍVEL) IDADE DE OURO

O ciclo do ouro acabara definitivamente no país, mas sempre havia algum teimoso que, chupitando o cigarrinho de palha, resmungava:

— Cabou nada. Pessoal tá é com preguiça de procurar.

Com preguiça ou sem preguiça, entraram a pesquisar e a explorar outros minerais, e o ciclo do ferro começou a dar divisas ao país. O negócio era tão bom que o Governo criou uma empresa para tocá-lo. Instalações industriais imensas, estrada de ferro, porto, construiu-se tudo que era preciso para levar o minério a consumidores longínquos.

A exploração do ferro não tem o romantismo das minas de ouro. Havia sempre quem lembrasse o tempo em que se extraía ouro da terra e do leito dos rios, com todo o folclore de estórias maravilhosas, entre verdadeiras e inventadas, não se sabendo ao certo o que era mentira e o que era mais mentira ainda. Mas o ouro ficou na memória do povo, das famílias arruinadas, nos livros dos poetas e ficcionistas, no papelório dos tabeliães. Na saudade coletiva.

Quando a gente não encontrava mais no país matéria para alimentar a imaginação, recorria ao acervo do cinema americano e vibrava com as aventuras dos desbravadores do Oeste, morrendo junto à mina afinal desvendada, mas que encerrava o esplendor e a maldição do metal nobre entre todos.

A companhia que o Governo montou estava bem satisfeita com sua hematita, seu itabirito e sua jacutinga postos em vagão e navio cargueiro e rendendo-lhe bons cobres. Sem desprezar o lixo do ferro, a poeira grossa que se desprende dos blocos dinamitados e vai formando montanhas, o rejeito, o refugo. E partiu para o aproveitamento desse material segundo, pelotizando-o. Nada fica sem utilidade no ferro: seu próprio lixo é fonte de renda.

Espia daqui, espia dali o rejeito, um técnico mais atento percebeu nele laivos amarelos que o puseram de orelha fita. Levou para o laboratório e a exame confirmou: aquele resto de ferro guardava estilhas de ouro. Ouro, sim senhor, ouro encravado, escondido no ferro, ouro promitente, ouro perturbante!

Aí se seguiram estudos mais sérios e se formulou o Projeto Ouro, que a companhia conserva em cauto silêncio, mas o silêncio, no Brasil, acaba sendo uma zoeira audível do Olapoque ao Chuí. E a imaginação mineira começa a crepitar, só de ouvir a notícia mágica: "Tem ouro no rejeito!"

Então, os que venderam a preço de banana ou melhorzim suas terras para a empresa se dizem uns aos outros:

— Pera aí. A gente vendeu terras de minério de ferro, não vendeu ouro de lá do fundo delas. Então, a gente vamos reclamar nosso ourinho que não entrou na transação, uai.

Já se adivinham as mil pendências judiciárias em cima do ouro de rejeito. A companhia nega o direito, e advogado pra cá advogado pra lá, bota aí 100 anos de demandas carregadas de razões, desrazões, confusões, apelações, embargos, e tudo mais que está nas Fourebrics *de* Sacapin. *ae Moiere, aliás, traduzidas por este cronista sem terras.*

*No meio de tudo isto, o dó, a prantina da companhia: toda essa